

NOVOS DADOS SÔBRE A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS TRIATOMÍNEOS EM SANTA CATARINA, BRASIL*

Joaquim A. Ferreira Neto**, Mário O. Ferreira***, Hugo Leal**,
Casemiro M. Martins** e Manoel F. Nascimento***

Os autores fizeram pesquisas em triatomíneos, com auxílio de pó insetífugo, em domicílios de quase todos os municípios de duas das três regiões em que se divide o Estado de Santa Catarina. Foram encontrados triatomídeos domiciliares em quatro municípios situados no extremo oeste do Estado. Num outro inquérito feito quatro anos mais tarde, só uma localidade se revelou positiva. A única espécie encontrada foi o *Triatoma infestans* e a maioria dos insetos foi capturada em galinheiros.

São, também, enumeradas as localidades de onde os autores têm recebido exemplares adultos de *Panstrongylus megistus* capturados nos domicílios pelos próprios moradores. Esses achados têm-se verificado nas seguintes zonas fisiográficas: Litoral de São Francisco, Bacia do Itajaí, Florianópolis, Laguna, Canoinhas, Campos de Lajes e Rio do Peixe.

Os conhecimentos sôbre as faunas de triatomíneos de Santa Catarina são escasos e imprecisos. Os mapas de Dias (1954) assinalam, no território do Estado, as seguintes espécies: *Triatoma infestans*, numa localidade da Zona de Oeste e *Panstrongylus megistus* em um município de cada uma das seguintes zonas: Litoral de São Francisco, Florianópolis e Rio do Peixe. Bustamante (1957) registra a ocorrência do *T. infestans* nos municípios de Palmitos e São Miguel D'Oeste. Leal, Ferreira Neto & Martins (1961), estudando os triatomíneos silvestres do município de Florianópolis encontraram *P. megistus* e *Rhodnius domesticus*, ambos infectados por tripanossomas do tipo *cruzi*.

A partir de 1953 a Circunscrição Santa Catarina do DNERu vem realizando pesquisas sistemáticas visando localizar focos de triatomíneos domiciliares e, nesse trabalho, já foram examinadas áreas pertencentes a tôdas as zonas fisiográficas do Estado. Para a procura de triatomíneos tem sido aplicado pó insetífugo (Pirisa — Piretro Industrial S.A.), tanto nas casas como nas construções próximas. A pesquisa de flagelados tem sido feita em fezes obtidas por compressão do abdômen e examinados a fresco.

Paralelamente a êsse trabalho têm sido examinados diversos *P. megistus* adultos, capturados em domicílio ou pelos próprios moradores ou por servidores do DNERu ocupados em tarefas várias.

* Trabalho preparado em 1961, quando os autores pertenciam ao Departamento Nacional de Endemias Rurais.

** Zoólogos da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

*** Médico Sanitarista, ex-Supervisor Setorial das Campanhas Nacionais de Erradicação de Endemias, Rio de Janeiro, GB, Brasil.

**** Laboratorista da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública.

Recebido para publicação em 20-3-1971.

ESTADO DE SANTA CATARINA

ESCALA
0 20 40
Km.

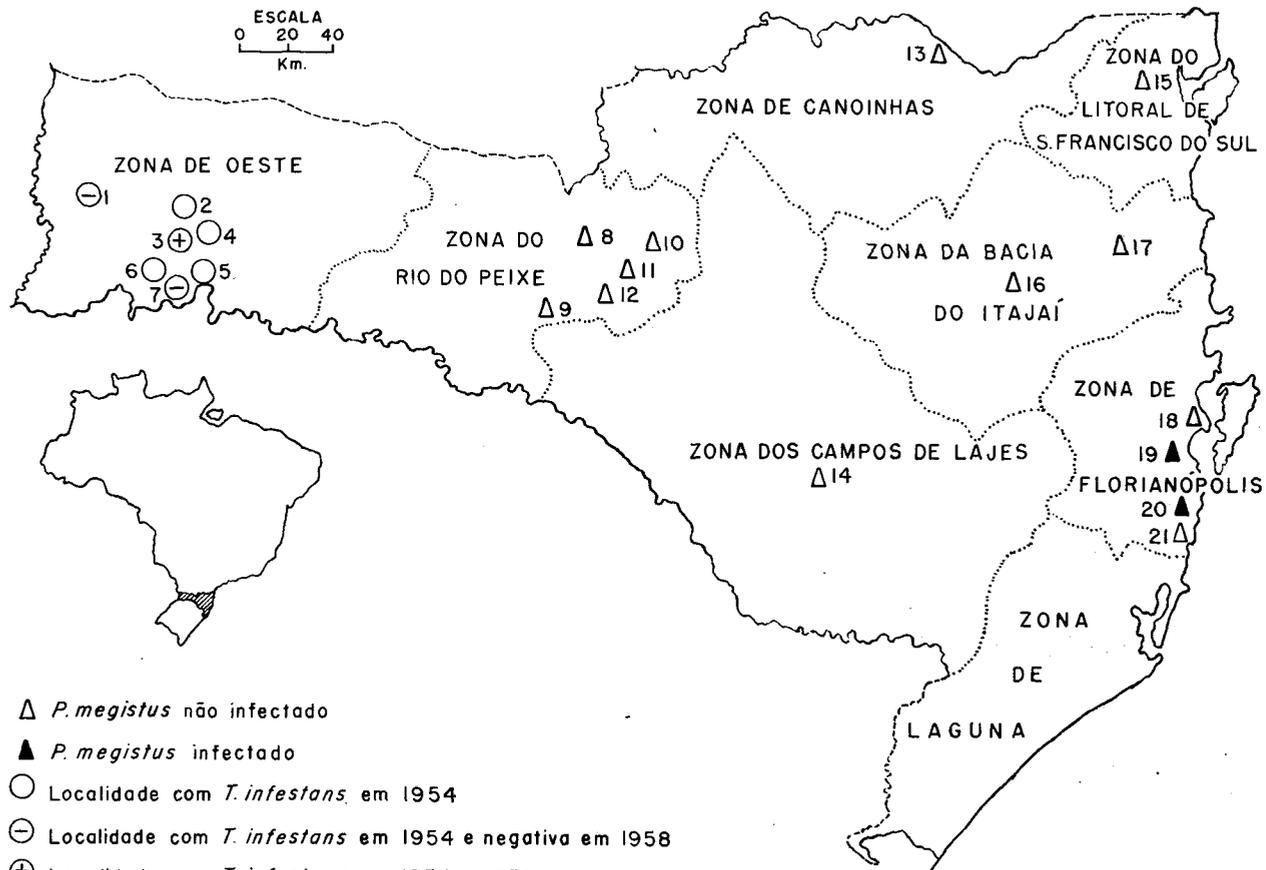


Figura 1 — Municípios e localidades onde foram capturados triatomíneos. — São Miguel D'Oeste: 1 — Cidade; Cunhaporã: 2 — Puroví, 3 — Cidade, 4 — Gato Preto; Palmitos: 5 — Linha Glória, 6 — Linha Central, 7 — Cidade; Arroio Trinta: 8 — Cidade; Joazeira: 9 — Cidade; Rio das Antas: 10 — Cidade; Videira: 11 — Cidade; Tangará: 12 — Cidade; Marfá: 13 — Cidade; Lajes: 14 — Cidade; Joinville: 15 — Cidade; Itirama: 16 — Cidade; Blumenau: 17 — Cidade; Florianópolis: 18 — Estreito; Palhoça: 19 — Arritu, 20 — Garopaba; Paulo Lopes: 21 — Cidade.

RESULTADOS

a) Triatomíneos domiciliares

Na tabela 1 figuram os municípios em que não foi observado o desalojamento de triatomíneos após a aplicação de pó insetí-fugo.

Esses dados, juntamente com os citados na literatura, mostram a ausência de triatomídeos domiciliares em duas das três regiões em que se divide o Estado, Litoral e Encosta, e Sedimentar Paleozóica. Na outra, o Planalto Ocidental, a Zona do Rio do Peixe é negativa e a dos Campos de Lajes, praticamente, não foi pesquisada.

A tabela 2 resume os dados obtidos na Zona de Oeste. Em 1954, foram encontrados exemplares de *T. infestans* em 4 de seus 17 municípios, ao passo que em 1958 tal fato só foi observado em Cunhaporã (tabela 3). Esse desaparecimento do *T. infestans* foi observado, anteriormente, no Rio Grande do Sul, por Coutinho, Pinto & Barbosa (1952), que atribuíram essa extinção do foco ao emprêgo de inseticidas de uso doméstico e agrícola, prática essa de uso corrente no oeste de Santa Catarina.

Nenhum dos insetos examinados apresentou flagelados nas fezes, devendo aqui ser dito que a maioria deles foi capturada em galinheiros.

No mapa da figura 1 estão assinaladas as localidades que estavam infestadas pelo *T. infestans*, nas duas pesquisas. Deve-se informar que elas não são uma continuação da área de ocorrência dessa espécie no Rio Grande do Sul. Dois fatos, entretanto, devem ter concorrido para a infestação desses territórios, a ligação por estradas de tráfego permanente com o Estado sulino e o grande contingente de colonos gaúchos que vive hoje no oeste catarinense.

b) Triatomíneos silvestres.

Leal, Ferreira Neto & Martins (op. cit.) examinaram 89 adultos e 2 ninfas de *P. megistus* encontrados em domicílios do Município de Florianópolis e capturaram 1 adulto e 334 ninfas dessa espécie em ninhos de animais silvestres. Essa discordância entre as duas proporções e o

fato de geralmente ser encontrado um único exemplar de *P. megistus*, de cada vez, dentro das casas, sugere que esses insetos não conseguem colonizar nos domicílios do Estado e que chegam a eles ou voando ou transportados com a lenha e outros materiais de origem silvestre.

Na tabela 4 figuram os exemplares de *P. megistus* que chegaram às mãos dos autores. Só um pequeno número pôde ser examinado devido às distâncias em que se encontram as localidades, o que faz com que os insetos cheguem ao laboratório mortos e completamente secos.

No mapa da figura 1 estão assinaladas as localidades em que foram encontrados *P. megistus*. Na Região do Litoral e Encosta a espécie foi encontrada em três de suas quatro zonas fisiográficas, na Região do Planalto Ocidental os achados se resumem à Zona do Rio do Peixe e para o resto do Estado faltam informações.

CONCLUSÕES

Os conhecimentos existentes sobre a doença de Chagas em Santa Catarina mostram que essa endemia ainda se encontra no estágio de zoonose. Toda a cadeia epidemiológica da doença se passa entre animais silvestres e as pesquisas feitas no Município de Florianópolis, por Leal, Ferreira Neto & Martins (op. cit.) evidenciaram, apenas, dois tipos de nichos naturais da tripanossomiase.

Esse problema da ausência da doença humana no Estado se apresenta de maneira peculiar em cada uma das regiões estudadas. Nas zonas litorâneas, apesar dos triatomíneos infectados penetrarem nas casas, a endemia humana não pode se instalar devido à ausência de transmissores domiciliares. Na pior das hipóteses podem ocorrer casos acidentais. Situação diferente é encontrada no Planalto Ocidental, onde, apesar da maioria dos *T. infestans* ter sido encontrada em galinheiros, essa espécie também coloniza domicílios. O fato dos triatomíneos, encontrados em domicílio, não se acharem infectados é ocasional, pois a entrada, na área, de portadores da tripanossomiase pode instalar a endemia. Torna-se, portanto, de toda conveniência erradicar a espécie das localidades onde ela ocorre.

TABELA 1

Municípios do Estado de Santa Catarina, Brasil, em que não foram capturados triatmíneos domiciliares

Região	Zona Fisiográfica	Município	Localidades trabalhadas	Prédios examinados
Litoral e Encosta	Litoral de São Francisco	Araquari	2	175
		Corupá	1	98
		Guaramirim	2	197
		Jaraguá do Sul	1	282
		São Francisco do Sul	1	30
	Bacia do Itajaí	Blumenau	3	2.364
		Ihota	1	143
		Indaial	1	110
		Luiz Alves	1	39
		Penha	3	338
		Rodeio	3	88
		Timbó	2	174
		Vidal Ramos	2	43
	Florianópolis	Biguaçu	1	29
		Florianópolis	9	1.016
		Pôrto Belo	1	261
	Laguna	Araranguá	2	926
		Criciúma	2	1.653
		Imaruí	1	109
		Jaguarina	2	205
Laguna		2	952	
Lauro Müller		1	339	
Nova Veneza		1	95	
Sombrio		1	118	
Sedimentar Paleozóica	Canoinhas	Campo Alegre	1	114
		Canoinhas	1	779
		Itaiópolis	3	116
		Mafr ^o	3	1.043
		Rio Negrinho	1	498
		São Bento do Sul	1	491
Planalto Ocidental	Rio do Peixe	Água Doce	2	89
		Capinzal	1	58
		Concórdia	4	667
		Herval D'Oeste	1	619
		7	1	62
		Joaçaba	10	2.162
		Piratuba	3	316
		Ponte Serrada	2	135
		Rio das Antas	3	366
		Seara	1	82
	Tangará	3	440	
	Oeste	Vidreira	8	1.567
		Abelardo Luz	1	43
		Campo Ere	1	12
		Chapecó	3	685
		Descanso	1	49
		Dionizio Cerqueira	1	86
		Faxinal dos Guedes	1	132
		Itapiranga	1	135
		Mondai	1	99
		São Carlos	2	197
		São Lourenço D'Oeste	1	93
		Xanxerê	1	285
Xaxim		2	241	
Arroio Trinta	1	117		
Campos de Lajes	Campos Novos	2	90	
3	8	56	157	21.702

TABELA 2

Municípios da Zona Oeste do Estado de Santa Catarina, Brasil, onde foram capturados *Triatoma infestans*, em pesquisas feitas em 1954

Muni- cípio	Localidades trabalhadas	Prédios		<i>T. infestans</i>	
		Exami- nados	Posi- tivos	Captu- rados	Exami- nados*
Maravilha	Maravilha	91	1	1	1
Cunhaporã	Cunhaporã	95	10	395	330
	Araçá	14	0	0	0
	Puruvi	5	2	3	3
	Gato Preto	25	6	233	169
	Cristo Rei	8	0	0	0
	Araçazinho	14	0	0	0
Palmitos	Palmitos	165	2	73	73
	Linha Glória	36	1	5	5
	Linha Central	22	2	12	12
	Linha Sertão	8	1	3	2
	Linha do Meio	24	0	0	0
	Linha B. Grande	15	0	0	0
	Linha Ilha Redonda	15	0	0	0
	Passarinho	24	0	0	0
	Santa Lúcia	11	0	0	0
	São Domingos	26	0	0	0
	P. Braz	7	0	0	0
	Taquara	3	0	0	0
São Miguel D'Oeste	São Miguel D'Oeste	175	1	14	14
	Linha Veado	31	0	0	0
	Linha 14	16	0	0	0
	Bela Vista	9	0	0	0
	Santa Rita	11	0	0	0
	Canela Grande	13	0	0	0
	Bandeirantes	36	0	0	0
	Guaraciaba	56	0	0	0

* Todos os *T. infestans* examinados estavam negativos.

TABELA 3

Municípios da Zona Oeste do Estado de Santa Catarina, Brasil, onde foram feitas pesquisas para a captura de *Triatoma infestans*, em 1958

Municípios	Localidades	Prédios		<i>T. infestans</i>	
		Exami- nados	Posi- tivos	Captu- rados	Exami- nados*
Cunhaporã	Cunhaporã	...	9	117	117
Palmitos	Palmitos	...	0	0	0
São Miguel D'Oeste	São Miguel D'Oeste	217	0	0	0

* Todos os *T. infestans* examinados estavam negativos.

TABELA 4

Origem dos *Panstrongylus megistus* capturados, pelos próprios moradores, em domicílios do Estado de Santa Catarina, Brasil, e resultado da pesquisa de flagelados

Região	Zona Fisiográfica	Município	Localidade	<i>P. megistus</i>			
				Captu- rados	Exami- nados	Posi- tivos	
Litoral e Encosta	Litoral de S. Francisco Bacia do Itajaí	Joinville	Joinville	1	1	1	
		Blumenau	Blumenau	4	3	0	
	Florianópolis	Ibirama	Ibirama	1	0	0	
		Florianópolis	Estreito	2	2	0	
		Palhoça	Aririú	1	1	1	
			Garopaba	1	0	0	
			Paulo Lopes	1	1	1	
			Mafra	1	0	0	
	Sedimentar Paleozóica Planalto Ocidental	Canoinhas	Lajes	Lajes	1	0	0
		Campos de Lajes	Joaçaba	Joaçaba	2	0	0
Rio do Peixe		Rio das Antas	Rio das Antas	9	0	0	
		Tangará	Tangará	1	0	0	
		Videira	Videira	1	0	0	
		Arroio Trinta	Arroio Trinta	11	0	0	
3	7	13	14	37	8	2	

Observação: Não figuram nesta tabela os dados relativos a Florianópolis (Ilha de Santa Catarina), já publicados em LEAL, FERREIRA NETO & MARTINS, 1961.

SUMMARY

The authors made a survey of triatomine bugs with the help of insecticide powder in dwellings in almost all of the municipalities of two out of three regions into which the State of Santa Catarina is divided. Domestic triatomine bugs were found in four municipalities situated in the extreme west of the state. In another survey made four years later, only in one locality was the presence of the insects detected. The only species found was *Triatoma infestans* and the majority of insects were captured in hen sheds.

The localities from where the authors have received adult specimens of *Panstrongylus megistus* captured in dwellings by the owners, are also enumerated. These findings have been verified in the following physiographic zones: Litoral of São Francisco, Bacia do Itajaí, Florianópolis, Laguna, Canoinhas, Campos de Lajes and Rio do Peixe.

BIBLIOGRAFIA

- BUSTAMANTE, F.M. — Distribuição geográfica dos transmissores da doença de Chagas no Brasil e sua relação com certos fatores climáticos. *Epidemiologia e profilaxia da enfermidade*. Rev. Bras. Malar. & D. Trop., 9:191-210, 1957.
- COUTINHO, P.P.; PINTO, O.S. & BARBOSA, J.A. — Contribuição ao conhecimento da distribuição dos triatomídeos domiciliários e de seus índices de infecção pelo *Schizotrypanum cruzi* no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Rev. Bras. Malar. & D. Trop.*, 4:211-226, 1952.
- DIAS, E. — Chagas' Disease, in *World-atlas of epidemic diseases*, vol. II, pp. 135-140, 2 pranchas e 8 mapas, edited by Prof. Dr. med. Ernst Rodenwaldt, Falk-Verlag, Hamburg, 1954.
- LEAL, H.; FERREIRA NETO, J.A. & MARTINS, C.M. — Dados ecológicos sobre triatomíneos silvestres da ilha de Santa Catarina (Brasil). *Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo*, 3:213-220, 1961.